

A BÍBLIA DO REI JAIME: *Glória Máxima da Língua Inglêssa*

Em 350 anos nenhuma Bíblia a suplantou em popularidade, em beleza literária, nem em seu impacto na vida dos povos de língua inglêssa, embora excelentes traduções mais recentes tenham disputado o seu lugar de preeminência

Don Wharton

Condensado de "United Church Observer", Toronto, Canadá

EM 1949 alguns letrados ingleses começaram a trabalhar na Nova Bíblia Inglêssa. Na primavera de 1961 foi publicado o Nôvo Testamento, e imediatamente começou a aparecer nas listas americanas e inglesas como o maior êxito de livraria. Dentro de um ano as vendas atingiram 4 316 000 exemplares.

Mas a História demonstra claramente um fato a respeito de Bíblias e outros livros: muitos se vendem aos milhões, uns poucos atingem dez milhões, mas só há um livro publicado na língua inglêssa cuja venda é medida pelos 100 milhões. Trata-se da Bíblia na Versão do Rei Jaime, o êxito de livraria de todos os tempos,

cujo 350.º aniversário de publicação foi comemorado no ano passado. A maneira como surgiu, como suplantou outras Bíblias inglesas, como superou tôdas as outras traduções e continua até hoje a ter uma aceitação maior do que versões mais recentes e mais eruditas, é uma história que pesquisadores têm reconstituído paulatinamente.

O maior empreendimento literário na História do mundo iniciou-se em 16 de janeiro de 1604. Desde o seu rompimento com o papado, uns 70 anos antes, a Igreja Inglêssa tinha sofrido pressões antagônicas—de seus elementos católicos ou da "igreja alta", e nessa altura mais intensamente dos puritanos, que

exigiam reformas severas. Havendo subido ao trono recentemente, Jaime I convocara quatro pastôres puritanos e 50 membros da igreja alta, para uma conferência em Hampton Court, o palácio das 1 000 salas. As discussões foram violentas, e, como a tensão aumentasse, Jaime súbitamente se decidiu por uma sugestão apresentada anteriormente. O Dr. John Rainolds, puritano, presidente do Colégio Corpus Christi, de Oxford, pedira ao Rei que ordenasse uma nova tradução da Bíblia. A princípio, Jaime recebera a sugestão com frieza. Mas, aprovando-a depois, seu nome tornou-se familiar para incalculáveis multidões que pouco mais sabem a respeito d'êlo.

Alguns historiadores julgam que Jaime pretendia simplesmente pôr elementos antagônicos da Igreja trabalhando num projeto comum. Outros pensam que êle foi movido por um interêsse cultural—em menino êle revelara um conhecimento precoce da Bíblia e mais tarde fizera uma tradução metrificada dos Salmos. Outros, ainda, acreditam que a sua motivação residia no fato de a Bíblia inglêsa mais popular da época—a Bíblia de Genebra—conter notas marginais pondo em dúvida o direito divino dos reis.

Quaisquer que fôsem seus verdadeiros motivos, Jaime incentivou a execução da nova obra, embora não gastasse nela um níquel do seu dinheiro. Depois de selecionados 54 “homens doutos” para a tarefa, Jaime tornou oficial, embora quase não

remunerada, a nomeação d'êles. Deu instruções ao Bispo de Londres no sentido de procurar benefícios eclesiásticos disponíveis para os tradutores mais necessitados e, mais tarde, conferiu promoções: sete tradutores foram nomeados bispos, e pelo menos outros dez receberam outras regalias.

Entre os 54 homens havia professores de faculdade, pregadores, deões, bispos. Quase todos estavam entre os 40 e os 60 anos, se bem que um contasse 73 anos e o mais môço tivesse apenas 27. Em sua maioria eram solteiros.

Para trabalhar na sua obra-prima, êsses homens se dividiram em seis equipes: duas em Oxford, duas em Cambridge, duas em Westminster. (Oxford e Cambridge forneceram casa e comida de graça aos tradutores de fora.) Cada equipe concentrou-se num trecho da Bíblia, e cada um dos membros da equipe recebeu a incumbência de traduzir determinadas partes. Como guia, os tradutores usaram um texto hebraico do Velho Testamento e um texto grego para o Nôvo. Consultaram traduções em caldaico, latim, espanhol, francês, italiano e holandês. E, naturalmente, usaram Bíblias inglêsas anteriores—pelo menos seis, inclusive o Nôvo Testamento de William Tyndale, o primeiro impresso em inglês.

Cada tradutor trabalhava sozinho em seu trecho, depois lia em voz alta a versão proposta, enquanto os outros membros da equipe o acompanhavam em diversas Bíblias. Se achavam defeito em seu trabalho, di-

ziam-no; se não, êle prosseguia na leitura. Às vêzes, a equipe punha em votação a interpretação preferida.

Em Cambridge, a equipe do Nôvo Testamento compreendia um erudito que tomava notas em latim, outro que escrevia suas anotações em grego. As reuniões da equipe hebraica de Oxford se realizavam no gabinete de trabalho de John Rainolds. Quando os trabalhos já se achavam em bom andamento, Rainolds adoeceu, atacado de tuberculose; seu corpo se reduziu a "um verdadeiro esqueleto". Mas até à sua morte, em 1607, êle se manteve deitado num catre que mandara colocar no gabinete, trabalhando com os outros, versículo por versículo.

Os tradutores prosseguiram trabalhando durante quatro anos, enquanto Jaime se divertia com corridas de cavalo, brigas de galo, peças representadas pelos atôres de Shakespeare e bailes de máscaras em que a Rainha e as damas da côrte apareciam vestidas de gaze transparente. Em 1609 estavam prontas as primeiras provas para serem revistas por uma junta de seis homens selecionados dos grupos de Oxford, Cambridge e Westminster. Reunindo-se diariamente durante nove meses, êsses homens trabalhavam em leituras recomendadas e alternadas, procurando a palavra exata ou a combinação adequada de palavras. Cada revisor recebia 30 xelins por semana (aproximadamente seis vêzes a média dos salários da Inglaterra, em 1609), dinheiro, ao que parece, de

Robert Barker, o Impressor do Rei, que se preparava para imprimir a nova Bíblia na sua oficina perto da Catedral de S. Paulo.

Antes, porém, de ser impressa uma só página, havia uma terceira providência: a revisão final. Há séculos se conjectura como foi que equipes e comissões puderam produzir essa obra-prima homogênea, burilada e imponente. Consta que no estágio final um homem, Miles Smith, filho de um açougueiro de Hereford, imprimiu seu cunho ao todo. Houve também um co-revisor, Thomas Bilson, Bispo de Winchester, que não era lingüista e nada tivera a ver com a tradução—aparentemente sua função consistiu em contrabalançar a indulgência de Smith.

Por direito, Smith poderia ser considerado o maior revisor literário da língua inglêsa. Formou-se em Oxford aos 19 anos, tinha grande cultura humanista e foi membro e supervisor da equipe de Oxford do Velho Testamento. Dava preferência às palavras inglêsas curtas, e escreveu o prefácio da nova Bíblia com o ritmo poético da própria Bíblia. Recentemente, num antigo livro encadernado em couro e impresso em 1632, encontrei o sermão pregado no enterro de Smith. O pregador assim resumiu a colaboração de Smith na Bíblia: "Êle começou com outros, mas terminou sozinho."

A nova Bíblia, com sua dedicatória ao Rei Jaime, saiu da impressora de Robert Barker em 1611. Era um volume grande, bem impresso em